

As ruínas do castelo: contra-narrativa quilombola sobre o patrimônio cultural de Pelotas, RS

The Castle Ruins: quilombola counter narrative about the cultural heritage of Pelotas, RS

Patrícia dos Santos Pinheiro, Guilherme Rodrigues de Rodrigues, Cláudia Turra Magni e Simone Assis Alves Roberto



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3875>

DOI: 10.4000/pontourbe.3875

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Patrícia dos Santos Pinheiro, Guilherme Rodrigues de Rodrigues, Cláudia Turra Magni e Simone Assis Alves Roberto, « As ruínas do castelo: contra-narrativa quilombola sobre o patrimônio cultural de Pelotas, RS », *Ponto Urbe* [Online], 22 | 2018, posto online no dia 15 agosto 2018, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3875> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3875

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

As ruínas do castelo: contra-narrativa quilombola sobre o patrimônio cultural de Pelotas, RS

The Castle Ruins: quilombola counter narrative about the cultural heritage of Pelotas, RS

Patrícia dos Santos Pinheiro, Guilherme Rodrigues de Rodrigues, Cláudia Turra Magni e Simone Assis Alves Roberto

- 1 Aos 65 anos, Dona Eva Maria Furtado Mourão é matriarca de uma Comunidade Quilombola situada na zona rural do município de São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul. Em 2016, retornou ao local vivido na infância, o outrora luxuoso Castelo Simões Lopes, situado no centro urbano do município vizinho, Pelotas¹. Tombado como patrimônio histórico, foi construído em 1922, pelo Dr. Augusto Simões Lopes, intendente de Pelotas na década de 1920 e posteriormente senador.
- 2 Dona Eva reencontra um castelo em ruínas, diferente daquele que seus pais testemunharam, com grandes bailes e nomes importantes para a política regional e nacional. Essa lembrança se vincula a um passado em que imperavam barões e coronéis neste que foi um importante centro econômico fornecedor de charque (um tipo de carne conservada com sal), usado como alimento de escravos das províncias brasileiras. O charque movimentou um intenso sistema produtivo na região especialmente ao longo dos séculos XVIII e XIX, englobando desde estâncias agropastoris até os estabelecimentos industriais de produção de charque, atividades movidas por mãos cativas (Osório 2007).
- 3 Se no discurso patrimonial sobre a cidade impera a visão da elite pelotense, herdeira de imponentes casarões e hábitos refinados, na narrativa de D. Eva vislumbra-se outra perspectiva, aquela herdada de seus pais, que, oriundos de comunidades negras de São Lourenço e de Canguçu, foram empregados no castelo. Naquele período pós-abolicionista, a distinção racial ainda imperava e muitos trabalhadores marcados pelas relações de escravidão migraram para territórios negros nos arredores de Pelotas, onde atualmente

existem pelo menos 43 comunidades quilombolas, como o Rincão das Almas, onde Dona Eva foi morar na infância e acabou constituindo família.

- 4 Na visita que lhe propusemos ao Castelo, Dona Eva narra histórias que ouviu e viveu em contextos de exploração e discriminação, e, através de sua sensibilidade e dom espiritual, dá a ver o sofrimento, tantas vezes abafado e invisibilizado, dos negros que ergueram esse patrimônio, dentre outras obras da cidade aristocrática. Atualmente, ela é uma referência para a cura física e espiritual das tristezas que ainda se fazem presentes nesse contexto, como heranças perversas da escravidão no extremo sul do Brasil.
- 5 Os efeitos duradouros desse processo surgem no percurso tortuoso que fizemos nas ruínas do castelo, guiados por Dona Eva. O objetivo deste ensaio fotográfico é mostrar uma contranarrativa ao discurso hegemônico sobre o patrimônio cultural pelotense, tendo por base as memórias apócrifas transmitidas pelos seus pais, assim como suas experiências espirituais, visões e sonhos. Ao entrar no Castelo com a missão de cura, Dona Eva quebra hierarquias instituídas nesse contexto e propõe uma expansão das narrativas históricas, convidando-nos a refletir sobre perspectivas epistêmicas que se constroem pela alteridade étnico-racial.



“Saí daqui com dois anos de idade. Não tenho lembrança de nada, mas as histórias que meu pai contava... [...] Ele era jardineiro e a minha mãe era tipo governanta, com outras, nesse castelo. E eles trabalharam bastante. [...] E meu pai era um preto velho muito sábio, inteligente, ele servia o dono aqui e ele prestava bastante atenção em tudo o que conversavam”. Foto: Guilherme Rodrigues, 2016.



"[...] Na juventude a gente, moça, sonha com um casamento feliz, constrói um castelinho, e se torna um castelinho de areia. Mas fazer o quê? A gente tem que se erguer e se tornar o castelo, de verdade. [...] Lá mesmo no quilombo, o que nós temos? Tem branco, negro, tudo misturado. [...] Veio a mistura no tempo da escravidão. [...] O negro é coragem, é força e é uma mistura, entende? Porque Deus ama a todos". Foto: Guilherme Rodrigues, 2016.



"As pessoas lêem, falam da escravidão, mas sentir o que eu sinto... Mas o que é o escravo? Escravos que me procuravam, eles vinham chorando, né? Morriam no tronco, com brilho [...]. Mas aquilo foi no passado. [...] E o negro brilhando, mesmo morrendo no tronco, acorrentado, mas ele morria valente. Um brilho no corpo, do suor, porque o negro, quando brilha, como uma estrela, brilhava, misturado com sangue, com chicote. Dali eles desencarnavam para a luz [...]". Foto: Guilherme Rodrigues, 2016.



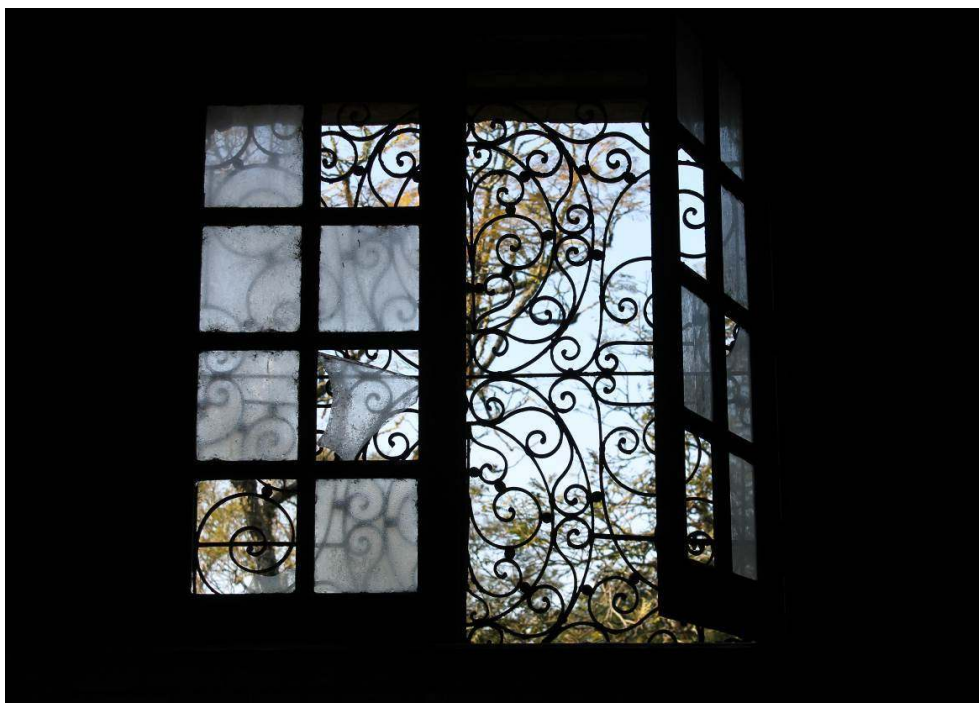
Ruínas. Foto: Guilherme Rodrigues, 2016.



“Ele me chamava ‘negrinha’. Eu tinha uns nove meses. Ele era uma pessoa de idade, diz que ele enxergava coisas, se assustava [...]. Então ele carregava eu no colo, a minha mãe disse que às vezes me procurava, ele tava numa cadeirinha de balanço, sentado, comigo no colo. [...] A minha mãe perguntava: ‘mas o que o senhor quer com essa criança no colo?’, e ele dizia: ‘com ela no colo, eles não vêm me pegar’. E a minha mãe começou a notar algo em mim”. Foto: Simone Assis, 2016.



“Por que eu tive uma visão. Eu vi lá naquela casa, me mostraram uma peça. Diz que é para orar ali, sentir uma paz de espírito, talvez até para mim”. Foto: Patrícia Pinheiro, 2016.



“Eu vou orar aqui. Aconteceu algo triste por aqui. [...] O Senhor me mostrou essa peça, Senhor. Até os desenhos da janela. Só o Senhor sabe o porquê, eu não sei. Sou tão pequena, meu Deus. Eu te peço que neste momento, Senhor, se algo aconteceu aqui, que o Senhor dê o descanso eterno a todas as almas, que aqui fizeram talvez o que não deviam, Senhor, de errado. Meu Deus, toma conta deste Castelo, Pai. Faz com que, meu Deus, neste momento, que aonde eles tiverem, eles recebam o descanso eterno do Senhor. Meu Deus, o Senhor me botou sobre a Terra, Pai, com esse dom que só o Senhor sabe. O dom da profecia, Pai [...]”. Foto: Patrícia Pinheiro, 2016.

BIBLIOGRAFIA

OSÓRIO, H.. 2007. *O império português no sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes*. Porto Alegre: Editora da Ufrgs.

NOTAS

1. Uma primeira composição relativa a essa visita foi realizada em uma exposição fotográfica feita em 2016, no VIII Visualidades, em Sobral/CE, com os mesmos autores deste ensaio.